

QUADRO PARCEIRO DO RJ/TV GLOBO: democratização ou oportunismo?

Copyright © 2016
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

LILIAN SABACK

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO - Este artigo traz uma reflexão sobre o quadro Parceiro do RJ/TV Globo, com o objetivo de contribuir para o debate sobre jornalismo e democracia. A análise foi feita a partir de revisão bibliográfica sobre o tema e entrevistas realizadas com moradores e ativistas culturais de favelas do Rio de Janeiro. O levantamento entende que os moradores de favela que participam do quadro Parceiro do RJ estão no projeto cientes dos interesses da emissora em obter mais audiência nos territórios em que vivem e permitem que o oportunismo ocorra na tentativa de dar visibilidade às suas comunidades.

Palavras-chaves: Jornalismo; Democracia, Parceiro do RJ, Favela, Comunicação comunitária.

“PARCEIRO DO RJ/TV GLOBO”: democratización o oportunismo?

RESUMEN - En este artículo se aporta una reflexión sobre Parceiro do RJ/ TV Globo , con el fin de contribuir al debate sobre el periodismo y la democracia . El análisis se realizó a partir de revisión de la literatura sobre el tema y entrevistas con residentes y activistas culturales de las favelas de Rio de Janeiro. La encuesta considera que los residentes de las favelas que participan en la tabla RJ pareja son conscientes del diseño de los intereses de la estación con mayor audiencia en los territorios en los que viven y que permiten el oportunismo se produce en un intento de dar visibilidad a sus comunidades.

Palabras clave: Periodismo ; Democracia , RJ Partner, Favela , Comunicación Comunidad.

THE RJ PARTNER SEGMENT ON TV GLOBO: democratization or opportunism?

ABSTRACT - This article examines the TV Globo/RJ Partner segment with the objective of contributing to the debate on journalism and democracy. The analysis was performed from a review of literature on the subject and interviews with residents and cultural activists from the favelas of Rio de Janeiro. The survey considers that favela residents who participate in the RJ Partner segment are aware of the station's interests in securing a wider audience in the territories where they live, and allow for opportunism to occur in an attempt to give more exposure to their communities.

Keywords: Journalism ; Democracy, RJ Partner , Favela , Community Communication.

1. Introdução

Este artigo apresenta uma reflexão sobre jornalismo e democracia a partir do quadro Parceiro do RJ/TV Globo, que de 2011 a 2015 inseriu no telejornal *RJTV – 1ª Edição* reportagens produzidas por jovens moradores de comunidades do Rio de Janeiro. O projeto nasceu em 2008, com a instalação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na Favela Santa Marta, em Botafogo, Zona Sul carioca. A primeira turma atuou em 2011/2012 e cobriu nove regiões e a segunda atuou em oito regiões, sendo que algumas já estavam na primeira turma, como Rocinha, Vidigal, Complexo do Alemão e Duque de Caxias.

A iniciativa funcionou da seguinte forma: 16 jovens com idades que variavam de 18 a 30 anos, com formações e experiências em diversas áreas, que viviam em comunidades, foram selecionados por profissionais da Rede Globo para integrar a equipe de jornalistas do informativo. Depois de passarem por um intensivo treinamento de apenas um mês, onde aprenderam questões técnicas e teóricas sobre telejornalismo, os jovens trabalharam como repórteres na comunidade onde viviam. Para isso, receberam uma mochila com uma câmera de vídeo, microfone e *sungun* (equipamento portátil de iluminação).

O projeto trouxe para o jornalismo local da emissora de maior audiência da TV aberta brasileira reportagens produzidas por moradores de comunidades do Rio de Janeiro, ou seja, pelos próprios sujeitos da experiência. Uma participação da comunidade que poderia ser traduzida como o início para a conquista do primeiro dos vinte pontos elencados pela campanha “Para Expressar a Liberdade – Uma nova lei para um novo tempo”, promovida pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC): “assegurar a pluralidade de ideias e opiniões nos meios de comunicação”¹. Mas, será que o legado deixado pelo projeto foi este ou estamos diante de uma estratégia oportunista para alavancar a audiência da TV Globo?

Quando se considera o conceito de oportunismo como contraponto à democratização da comunicação, a inspiração está no debate leninista em torno da luta de classes, que via a “maleabilidade” existente no político oportunista como estratégia para obtenção de resultados imediatos. Com este ideário como pano de fundo, cogita-se, portanto, se ao abrir espaço em sua grade para uma narrativa que “mexe” com o seu padrão de jornalismo, a TV Globo estaria sendo flexível para atrair mais espectadores e operando com a lógica

descrita por Pierre Bourdieu como “mentalidade-índice-de-audiência” ao pensar o jornalismo na televisão. “O universo do jornalismo é um campo, mas que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência”. (1997, p. 77). O que Bourdieu chamou “mentalidade-índice-de-audiência” faz com que a TV Globo esteja sempre atenta às oportunidades de ampliar seu público. Ou seja, pode até haver democratização da comunicação ao abrir espaço para a comunidade, mas o objetivo da emissora não é esse: é aumentar a audiência para lucrar mais.

Para tentar responder aos questionamentos colocados acima, primeiramente, foi feita uma revisão bibliográfica a partir de produções acadêmicas sobre o projeto Parceiro do RJ, trabalhos defendidos e apresentados em congressos até o início de 2014. Foram feitas, também, entrevistas individuais e em grupo com moradores e ativistas culturais de favelas do Rio. Com as entrevistas semiestruturadas, sem roteiros pré-definidos, buscou-se a opinião dos entrevistados sobre o quadro e sua relação com a comunicação comunitária. As entrevistas foram realizadas com o método de Bauer e Gaskell que orienta que seja feita como “uma conversação que dura normalmente entre uma hora e uma hora e meia. Antes da entrevista, o pesquisador terá preparado um tópico guia, cobrindo os temas centrais e os problemas da pesquisa” (2002, pp. 82-83). As entrevistas semiestruturadas, ou seja, abertas a novas questões, foram realizadas, sempre que possível, no local de moradia ou trabalho do entrevistado.

2. Uma tímida participação da comunidade

As primeiras análises acadêmicas sobre o tema quadro Parceiro do RJ têm como pano de fundo a investigação da produção jornalística comunitária inserida na grade local de uma emissora comercial. Em artigo apresentado na Compós 2012, Beatriz Becker expôs as primeiras análises de reportagens produzidas para este quadro em 2011:

As inserções de novos atores sociais na produção de mídia podem gerar alterações estéticas e de conteúdo nas práticas jornalísticas, por meio de reportagens mais contextualizadas e criativas capazes de gerar reflexão, mais conhecimento e mais diálogos. Por enquanto, os âncoras, os comentaristas, os repórteres e os Parceiros do RJ já estão todos misturados na

tela da tevê, mas cada um do no seu quadrado. Afinal, a mídia não deixa de reproduzir as desigualdades, as exclusões, os pré-conceitos, e as disputas de poder do mundo real (BECKER, 2012, p. 13).

O resultado da análise feita por Becker indica positivamente que o Parceiro do RJ contribui para a pluralidade de vozes necessária para a produção de um jornalismo audiovisual de maior qualidade; entretanto, assegura que “a inclusão de novos atores sociais nos moldes do quadro Parceiro do RJ não agrega qualidade ao telejornalismo do RJTV” (ibidem, p. 16). Já o artigo “As novas aproximações entre telejornal e audiência: a participação do público no quadro Parceiro do RJ”, de Lara Linhalis Guimarães, orientanda de Becker, faz um recorte do quadro Parceiros do RJ como um exemplo de “convocatória” da audiência na produção do telejornal. “A matéria do parceiro parece deslocada do corpo de matérias ‘legítimas’ que compreende o telejornal. É a voz da comunidade emoldurada pelos filtros de outras instâncias enunciativas” (GUIMARÃES, 2012, p. 14).

A dissertação de mestrado em jornalismo de Samira Moratti Frazão pela Universidade Federal de Santa Catarina, defendida em 2013, é outro trabalho que chama a atenção para o oportunismo da emissora. Frazão pensa o quadro Parceiro do RJ como prática de jornalismo participativo a partir da aplicação da metodologia de análise do telejornalismo centrada no modo de endereçamento que, em síntese, “diz do modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo” (GOMES, 2011, p. 28). Uma vez aplicado o método, a autora identificou que “tanto o quadro quanto o próprio discurso adotado servem como meio mercadológico de promover não só o jornalismo da emissora como também ela própria (enquanto empresa), podendo cativar, deste modo, a audiência” e concluiu que “a participação do usuário não pode ser desprezada, mas sim qualificada para que haja uma interação e crescimento mútuos entre público e imprensa, preservando não só o jornalismo como a profissão e os jornalistas em suas atribuições” (FRAZÃO, 2013, pp. 135 - 146).

Por fim, levanta-se outra pesquisa que acrescenta um olhar sistêmico sobre o quadro Parceiro do RJ. A pesquisadora Andréa Pestana Caroli Freitas, em sua dissertação de mestrado em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), apresenta o quadro Parceiro do RJ sob uma outra ótica. A autora acompanha a tematização e o agendamento das pautas produzidas pelos parceiros

na tentativa de compreender “como a emissora se utiliza desses novos agentes para a construção e legitimação de seus discursos de cidadania” (FREITAS, 2014, p. 21). Após analisar 148 reportagens produzidas pela primeira turma do projeto a partir das categorias problemas de infraestrutura urbana, religiosidade e expressões culturais, a pesquisadora chega a conclusão que há uma pré-censura no momento em que os parceiros submetem suas pautas à equipe de jornalistas da TV Globo.

O quadro Parceiros do RJ, embora apontado como um produto que traz “falas autênticas”, segue as mesmas orientações de produção a que são submetidos todos os produtos jornalísticos da emissora. E, por esse motivo, como foi visto na análise, não responde às expectativas apontadas pela emissora quanto aos resultados esperados referentes aos pontos: diversidade de pensamento, criação e produção, e ruptura de padrão para a TV Globo. O enquadramento das questões sugeridas pelos “parceiros” passam por processos de avaliação, autorização e veiculação, que podem ser entendidos como uma pré-censura (idem, p. 124).

Assim como as pesquisadoras citadas, durante alguns anos me debrucei sobre as reportagens do quadro com o objetivo de decifrar o modo parceiro de fazer telejornalismo. Apesar da minha tese não ser um estudo de recepção do quadro Parceiro do RJ, ao longo do trabalho foram identificados no Facebook *posts* que registram a opinião dos moradores da Rocinha quanto ao jornalismo da TV Globo e ao quadro Parceiro do RJ. Entrevistas feitas com moradores da Rocinha e do Vidigal e, ainda, com pesquisadores que estão atentos à questão das favelas e a intervenção da grande mídia nelas, também trouxeram à tona outras questões em torno da pergunta que se faz neste artigo.

Para o coordenador geral do Observatório de Favelas, Jaílson de Souza e Silva, a atuação do jovem Rene Silva, em 2010, ao narrar no *Twitter*, em tempo real, a ocupação militar do Complexo de favelas do Alemão, sintetiza o momento em que a Rede Globo cria o quadro Parceiro do RJ.

A Globo não criou uma mídia comunitária, é exatamente o contrário. Na verdade o que ela hoje disputa de certa forma é não querer que cresça uma mídia comunitária, mais autônoma, mais independente a partir de outras diferenças. Para ela isso não interessa. A Globo não contribui em nada, por exemplo, a surgir mídias comunitárias mais ordenadas, sistemáticas, que elas pudessem atuar juntas. Ela não tem interesse, pelo contrário, ela continua querendo manter o monopólio. O que eu acho é que existe, por um lado, um processo de comunicação para enraizar, capilarizar diferentes setores de pessoas, mais

do que de mídias. São pessoas comuns que estão cada vez mais envolvidas na tarefa de comunicar. Renê, talvez seja a maior expressão disso. Mas você tem cada vez mais pessoas se tornando testemunhas das suas territorialidades e a partir daí se constituem, aí a internet é fundamental nesse processo.²

As críticas feitas por Jáilson dizem respeito ao projeto Parceiro do RJ na perspectiva institucional, já que o pesquisador entende que há pessoas isoladas dentro da emissora que lutam por promover maior visibilidade para o cotidiano das favelas. Entretanto, ele ratifica que a grande mídia vive um grande impasse: não perder a legitimidade, aproximar-se dos setores populares, das classes sociais emergentes e conseguir ressignificar sua forma de comunicação. O pensamento de Jáilson encontra eco entre os participantes de uma entrevista em grupo feita na Rocinha, no dia 30 de julho de 2013.

Uma conversa de duas horas com os ativistas comunitários da Rocinha Antônio Carlos Firmino, licenciado em geografia e coordenador do Centro de Cultura e Educação Lúdica da Rocinha; Flávio Mendes “Pé”, produtor cultural e *rapper*; o produtor cultural e escritor Fernando Ermiro; e Michel Silva, estudante de jornalismo e idealizador e editor do jornal comunitário Fala Roça, mostrou a necessidade de um maior diálogo entre a Rede Globo e a comunidade para que efetivamente o projeto significasse um processo de democratização da comunicação. Para Firmino, por exemplo, a grande questão a se pensar está em torno da representação:

O parceiro representa uma instituição. Ele está representando uma instituição. Então ele está sendo o interlocutor da instituição na comunidade. Por mais que ele não tenha, ele não foi eleito pela comunidade para ser o interlocutor da comunidade. (...) Então, é assim, o Parceiro do RJ vai fazer um recorte e esse recorte vai ser de acordo com a pauta que for aprovada.³

Firmino, assim como os demais participantes do grupo, não identificavam como representantes da comunidade os jovens selecionados para atuarem na segunda turma do projeto como Parceiros da Rocinha & Vidigal. Isso porque ele não foram selecionados pelos moradores das duas favelas. Ermiro acredita que os jovens selecionados para o projeto atuam como profissionais, mas que não têm liberdade para criar. “Ele está viciado. Ele está usando a matéria viciada. O que será que a Globo quer que eu diga?”, questiona o produtor cultural. Ermiro afirma, ainda, que “não faz diferença aquela matéria e aquele repórter ou esse quadro. A

Globo tem essa coisa de te pego e coloco aqui e está representado. Não é isso. É mentira.” O *rapper* Flávio “Pé” é mais enfático e diz que, além de a Globo não representá-los, contribui para o não crescimento da mídia comunitária.

Eu acredito que o futuro da comunicação é local, só que a grande mídia tolhe isso. Então, para ela transparecer que ela está ligada nisso ela cria esse tipo de ferramenta, e para ela é interessante porque ela continua com esse discurso que “nós estamos próximos”. Pode acontecer dele se prolongar por interesse, simplesmente por interesse. (...) Por isso eu digo [o quadro Parceiro do RJ], pode prolongar por interesse da emissora ou acabar porque a favela vai dizer: opa, não me representa.⁴

A grande preocupação de Flávio “Pé” é a superficialidade que, segundo ele, se impõe nas reportagens da TV Globo. Uma postura que faz com que Flávio ironize e diga que os participantes do projeto “são excelentes parceiros do RJ. Na lógica do Globo ela está dando voz à comunidade.” O jovem Michel Filho concorda e admite: “Eu acho que eles não estão ali pra isso”. Na época do encontro na Biblioteca Parque da Rocinha, Michel estudava para prestar vestibular para jornalismo e via o quadro Parceiro do RJ como uma produção completamente diferente do que ele avaliava como comunitária. Para ele, a questão está no fato de o quadro fazer parte de um telejornal da grande mídia. Apesar de perceber as diferenças entre o trabalho do Parceiro e o que ele próprio desenvolve com a produção do *vivafavela.org* e o jornal *Fala Roça*, foi com orgulho que Michel Silva postou no Facebook no dia 16 de agosto de 2013 o encontro com a dupla de parceiros da Rocinha & Vidigal, Aline Marinho e Leandro Lima.

Na “brincadeira”, o que Michel pode estar querendo dizer é que mesmo sabendo que eles representam uma instituição, a TV Globo, estaria disposto a ter a mesma experiência profissional dos dois amigos. Michel quer experimentar, quer mais técnica, quer mais conhecimento. Em 2014, Michel já frequentava o curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e acumulava no currículo trabalhos junto ao Canal Futura, a participação no intercâmbio com repórteres comunitários norte-americanos promovido pelo Consulado dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, acompanhado a equipe de jornalismo do Canal 13, do Chile, além de produzir o *Fala Roça* e o *vivarocinha.org* e participar do curso “Regiões Narrativas”, que reuniu filmes e fotos de 90 jovens e adultos que convivem na Rocinha em uma exposição na Biblioteca Parque.

Diante de tanta produção, o jovem não descartou a possibilidade de um dia participar do quadro Parceiro do RJ.

Como Flávio “Pé”, o jornalista Flávio Carvalho, que além de trabalhar na Biblioteca Parque da Rocinha atua como repórter para mídias comunitárias como o faveladarocinha.com, chama a atenção para a superficialidade das reportagens.

Assisti alguns bem legalzinhos, mas não retratando bem, muito superficial. Não tem como dentro da estrutura da Globo, que cobre uma cidade inteira, ter uma cobertura boa de um lugar assim. É uma coisa muito superficial. Vi muitas matérias falando de projeto social. Coisas que eu já tinha falado em outras matérias que eu fazia. Duas gravações que eles fizeram ficaram muito parecidas com duas que eu tinha feito com o Wark e com o Tio Lino, que são pessoas da favela.⁵

A estudante de jornalismo Milena Lourenço, moradora da Rocinha desde que nasceu, conta que na primeira seleção feita para o Parceiro do RJ ela se inscreveu, passou na primeira etapa mas acabou não entrando. Segundo ela, ao participar do processo, ela se deu conta de como tinha gente que era muito mais ligada à comunidade do que ela. “Tinha muita gente que conhecia todo mundo na Rocinha e já tinha participado de projetos dentro da favela e eu nunca fui assim, porque meus pais nunca me deram liberdade para andar na Rocinha”, conta a jovem, que diz que poderia ter sido uma boa repórter, mas não uma boa parceira da Rocinha.

No Vidigal, os moradores entrevistados para a reportagem sobre o barranco que ameaçava várias casas, gravada no dia 20 de junho de 2013, teceram uma análise positiva do quadro Parceiro do RJ. O servidor público Francisco Eduardo Custódio, morador do Vidigal há 46 anos, comemorou a existência do quadro. Segundo ele, a dupla Rocinha & Vidigal atua como testemunha dos problemas da favela. Ele lembra a importância de Aline ser moradora da mesma favela que ele:

Antigamente eles botavam (sic) pano por cima, cobriam, agora não. Agora, estão vindo mesmo, estão mostrando, a menina é aqui do Vidigal, quer dizer, ela conhece o problema, conhece o assunto, sabe como a situação está precária que o Vidigal está passando. Então, quer dizer, ele vem mostrar e joga no ar, é isso mesmo.⁶

Da mesma opinião é a dona de casa Leda da Costa, moradora do Vidigal há mais de 40 anos. Assim como Francisco, entende o projeto Parceiro do RJ como uma solução para a falta de visibilidade que o cotidiano das favelas tem:

Isso foi uma coisa muito boa porque nós não temos como falar, então tem que ter uma pessoa que fale por nós. Isso aqui já está há três meses já. Se não botar isso no ar, isso vai ficar esquecido. Então eu acho muito bom, foi ótimo.(...) [indo para a televisão] eles resolvem, rapidinho, resolvem. Resolvem porque começa a botar, aí já bota os grandões, entendeu? (...) Ah tem [diferença], porque a Globo a gente assiste muito. Todo mundo assiste a Globo, então a população toda vai ficar sabendo. A presidente, todo mundo. Então é um meio deles correrem.⁷

O motorista Marcelo Roberto de Lima, morador do Vidigal há mais de 20 anos, reforça o coro de que a dupla da Rocinha & Vidigal representa a comunidade e deixa claro que entende o poder da televisão na conquista de soluções para os problemas apresentados pela dupla:

Eu tenho visto várias reportagens. Eu acho que o trabalho deles é mais para ajudar a própria comunidade, porque a gente não tem uma voz. Na verdade é isso, a comunidade não tem uma voz para passar isso para a mídia. Eles são a nossa verdadeira voz agora, porque o que a gente tem de reclamação, o que a gente quer de solução, eles passam isso para mídia e a mídia joga isso a público para ver se as autoridades resolvem o problema, entendeu? (...) a imprensa só vinha quando era guerra. Quando tinha guerra vinha, quando morria alguém vinha, agora para resolver problemas da comunidade nunca veio.⁸

A proposta da tese que recolheu os depoimentos apresentados ao longo do texto sempre foi perceber as singularidades da narrativa produzida por aquele que vive a experiência, ou seja, o cotidiano da favela narrado por quem vive nela. O trabalho confirmou as hipóteses de que as reportagens produzidas para o quadro Parceiro do RJ constituem uma narrativa inclusiva e que seu “modo de fazer telejornalismo” tem características singulares que mexem com o padrão Globo de jornalismo. Entretanto, para este artigo a questão proposta foi se o quadro Parceiro do RJ/TV Globo contribuiu para a democratização da comunicação ou configura como um oportunismo da emissora para atingir um público que se apresentava distante dela.

3. Uma possível via de mão dupla

Ao questionar sobre os benefícios que quadro Parceiro do RJ traz para as comunidades, acredita-se que de imediato a solução de problemas apresentados nas reportagens não é o suficiente. Na verdade esse fruto não o difere de outro quadro exibido no mesmo telejornal, o *RJ Móvel*. Sim, porque se os repórteres da TV Globo

pudessem circular por uma favela como circulam por alguns bairros do subúrbio carioca, o resultado seria o mesmo.

Já quando se observa o que o jovem que participa deste projeto leva de volta para a sua comunidade, as conclusões são mais positivas. Eles estão levando de volta para as suas comunidades todo o aprendizado obtido junto à equipe de jornalismo da Globo. Aqueles que já eram atuantes na comunicação comunitária, como é o caso do Marcos Braz, Cecília Vasconcelos e Leandro Lima, estão ainda mais envolvidos. Assim que o projeto terminou, a primeira dupla da Rocinha & Vidigal começou a buscar patrocínio para montar uma WebTV comunitária e, aos 32 anos, Cecília tomou coragem e resolveu realizar um sonho que tinha desde adolescente: estudar jornalismo. Um sonho que ela havia colocado de lado na adolescência, quando um professor do Ensino Médio a orientou a não fazer vestibular para jornalismo, porque a profissão iria requisitar “bagagem cultural”, o que, para o professor, ela não tinha. O projeto resgatou sua autoestima.

Leandro Lima, que já produzia o site de notícias faveladarocinha.com, agregou ao seu trabalho as técnicas adquiridas e voltou a estudar jornalismo e, no momento em que este texto estava sendo finalizado, era estagiário do Canal Esporte Interativo como cinegrafista. “A função é exatamente a que eu almejo, pena que ganho pouco”, contou Leandro à esta pesquisadora no bate-papo do Facebook. O jovem ganha R\$ 650 como estagiário e a mensalidade da faculdade onde estuda é de R\$ 1.400.

Neste caso, é preciso ressaltar que a pesquisa que levantou as histórias contadas neste artigo foi feita a partir do acompanhamento de perto de quatro jovens, três moradores da Rocinha e um do Vidigal, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Sabe-se, ainda, que os parceiros do Maracanã, Luiz Gustavo, que cursava a faculdade de Direito quando entrou para o projeto, e Leonardo de Oliveira foram estudar jornalismo. Leonardo já está trabalhando no SRZD, o site de notícias comandado pelo jornalista Sidney Rezende. Luiz Fernando de Souza, da dupla de Madureira, estava trabalhando como assessor de imprensa em uma empresa.

Júlia Rodrigues, parceira de Niterói, chegou a trocar o direito pelo jornalismo, depois migrou para publicidade. Já Jéssica Araújo Sá, da dupla de Caxias, se preparava para terminar o curso de jornalismo na Escola de Comunicação da UFRJ e tentava ingressar novamente para a equipe de jornalismo da Globo mas, desta vez, como estagiária.

Quando se olha para o que chamo de “questões mais sensíveis” nesta via de mão dupla estabelecida entre a TV Globo e os jovens moradores de favela, desvenda-se uma proposta ousada. O repórter parceiro é um aliado incondicional do jornalismo local da Rede Globo. Realmente, como sinalizou o *rapper* Flávio “Pé”, os jovens que participam do projeto “são excelentes parceiros do RJ”. O repórter parceiro respeita todas as regras impostas para que sua participação seja veiculada na TV aberta, entretanto, ele não faz da Globo uma parceira da comunidade. A emissora continua sendo mal vista pelos moradores da Rocinha, por exemplo. O quadro é inclusivo no que se refere à inclusão do cotidiano da favela no noticiário local da emissora, o que não a absolve de todas as críticas feitas a sua produção jornalística.

Os moradores aprendem a dialogar com os parceiros do RJ e não com o jornalismo da Globo. Confirma-se neste momento que o repórter parceiro realmente é um *ser qualquer* como chamou Agamben em sua tese sobre a “comunidade que vem” (1993). O repórter parceiro consegue sustentar o afeto das relações estabelecidas por ele na comunidade e, também, criar novas relações afetivas com os profissionais da TV Globo, mas entende que cada grupo está em uma etapa da engrenagem que o sustenta como um ser ao mesmo tempo singular e universal.

Eles não pretendem ser a Globo na favela, nem ser a favela na Globo. Eles querem falar de questões da favela nas reportagens que produzem para um telejornal da TV Globo. Parece não ter diferença, mas acredita-se que tem. Eles querem circular tanto na favela como na TV Globo como o que são ou estão: repórteres. Da favela retiram o ingrediente, o afeto, o desejo de mudança e, da TV Globo, lançam mão da técnica para dar forma ao ingrediente, o suporte profissional para a troca de afeto e a “mentalidade-índice-de-audiência” para dar visibilidade ao desejo de mudança.

Durante o período em que participam do projeto, os jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro experimentam situações que são vividas constantemente pelos jornalistas profissionais da emissora. Experimentam, por exemplo, o desejo de “emplacar” uma sugestão em uma reunião de pauta. Uma prática jornalística que não funciona como pré-censura, mas como aprovação ou não que é dada para o editor do telejornal.

Portanto, é diferente ser favela e falar da favela ou ser Globo e falar na Globo. O repórter parceiro entende que o momento é de ajuste, de tolerância para ser ouvido com dignidade. Como lembrou Jaílson dos Santos, a TV Globo é uma instituição, portanto, eles estão

a serviço da instituição. Entretanto, uma instituição é composta por pessoas que querem promover caminhos para uma cidade melhor e outras que nem pensam nisso. Troca-se afeto com aquelas que compartilham o mesmo desejo de mudança.

Os comentários do parceiro Leandro Lima ao *post* do jornalista e morador da Rocinha Flávio Carvalho no Facebook, no dia 3 de outubro de 2014 transparece bem essa postura do repórter parceiro. Flávio questiona a imparcialidade da Rede Globo no segundo debate promovido pela emissora entre os então candidatos à presidência na eleição de 2014, Aécio Neves, do PSDB, e Dilma Rousseff, do PT. Leandro Lima, parceiro da Rocinha & Vidigal (2013/2014), logo comenta:

Flávio Carvalho: “Vergonhoso uma plateia tucana no debate. Aí está a imparcialidade da Globo.” / Leandro Lima: A plateia é dividida entre os candidatos, Flávio. Caaaaalma rrsrsrsr / Flávio Carvalho: Calma, foi por causa da imparcialidade da Globo que o Collor se elegeu./ Leandro Lima: Eeeelalá

Leandro comenta o *post* de Flávio como quem diz, não é bem assim e, de certa forma, sai em defesa da TV Globo. Entretanto, ele não pressiona o amigo, não julga ou impõe sua opinião, mas fica claro que coloca panos quentes. O “Eeeelalá” de Leandro é quase como um deixa pra lá, sigamos em frente seja lá qual for a sua opinião, com afeto, ternura... O *post* chama a atenção da pesquisadora pelo fato de Flávio e Leandro serem parceiros no ativismo social na Favela da Rocinha há anos. São parceiros na comunidade, mas não comungam como parceiros na hora de avaliar a postura da emissora na qual Leandro havia trabalhado.

A favela em que eles vivem é assim: o pertencimento não ignora as singularidades. O não debate não emudece e sim, fortalece o elo dos dois em prol do desenvolvimento socioeconômico da Rocinha e, principalmente, da comunicação comunitária. Leandro, Michel E Flávio, por exemplo fazem questão de deixar claro a sua pertença à Rocinha e/ou ao Vidigal, mas sem pressupor ser singular ou universal.

Em outras palavras, sem ser o único e muito menos ser igual a todos. Como postou Michel Silva em seu perfil no Facebook, no dia 29 de junho de 2014: “A favela não é só um espaço de carência, mas um espaço de potência. Mudar a favela é mudar a cidade para se ter direito à comunidade”. Todas as críticas feitas por moradores ao projeto da TV Globo não descartam a potência dos jovens que participam do projeto, e renegam o rótulo de carente que a grande mídia insiste em dar às favelas e seus moradores.

O projeto Parceiro do RJ contribui para esta pluralidade estar tanto no *post* de Flávio ao criticar a TV Globo, quanto no *post* de Michel numa reflexão sobre a favela, que reproduz a frase da socióloga Marília Pastuk, na abertura dos debates do último dia do XXVI Fórum Nacional com o tema “Favela é Cidade”: “A favela não é só um espaço de carência, mas um espaço de potência”.⁹ Essa potência plural foi exibida pelos parceiros na série Papo de Favela e, também, em muitas reportagens produzidas pela dupla Rocinha & Vidigal. Não há mais espaço para a favela ser representada por quem não a conhece de perto, não é sensível às suas dificuldades, apertos, problemas e também suas soluções alternativas.

Flávio Carvalho, em outro *post*, no dia 12 de maio de 2014 confirma que a favela não é lugar de carência, mas de potência. O jornalista protesta: “Quando a gente lê uma matéria ‘Evento promete levar mais cultura para as comunidades carentes de toda a cidade’, a gente percebe logo todo o preconceito incluso nas expressões ‘levar cultura’, ‘comunidade’ e ‘carentes’.” Afinal, a favela tem cultura e o morador é carente de quê? Essa indignação de Flávio fortalece a produção de comunicação comunitária. “No começo de 2014 vou produzir um documentário de memórias sobre a Rocinha. Vem coisa boa aí! Produção caseira feita de morador para morador”, avisa Michel no Facebook. O importante para ele está no “feito de morador para morador”. Isso explica porque os participantes do projeto Parceiro do RJ, Apesar de algumas críticas conquistaram espaço na comunicação comunitária das favelas. São moradores falando para moradores.

4. Considerações finais

A conclusão que se chega é que a parceria entre o jornalista profissional, representante da instituição Rede Globo, e o morador de favela, representante da comunidade, ocorre, mas com vários pesos e diversas medidas. Compreende-se esta parceria como uma nova forma de pensar a hegemonia da Rede Globo no campo do jornalismo local/comunitário. Entende-se que os moradores de favela que participam do quadro Parceiro do RJ estão no projeto cientes dos interesses da emissora em obter mais audiência nos territórios em que vivem. Em outras palavras: o oportunismo é permitido com o objetivo de democratizar a comunicação.

Os jovens que participam do projeto sabem que, mesmo com a implantação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), os jornalistas da

Globo não são bem recebidos nas comunidades. E mais, a maioria das comunidades não assiste ao jornalismo da Globo como assiste ao da Rede Record, por exemplo. Mas por outro lado, os jovens têm consciência do poder de alcance da emissora. Eles não ignoram que podem atingir outros públicos veiculando suas reportagens no *RJTV – 1ª Edição*.

É pertinente a questão da não representatividade verbalizada por moradores da Rocinha que atuam diretamente com o desenvolvimento cultural na comunidade. Afinal, no momento que a escolha do parceiro é feita pela emissora e não pelos moradores da favela na qual ele vive, há uma seleção dirigida. Entretanto, o contato com os jovens que participaram do projeto me fez apostar na inexistência de uma única representatividade, mas sim na existência de referências do viver em comum em uma comunidade carioca. Essas referências estariam na troca de afeto com aquele que às vezes nem se conhece bem, mas que se partilha um território; na virtude de querer mostrar o que há de melhor na favela; e na consciência de denunciar o mal e almejar direitos iguais.

Na primeira conversa, o idealizador do projeto, o jornalista Erick Brêtas, afirmou sem rodeios que a emissora precisava dialogar com o público que vive nas comunidades do Rio de Janeiro. As pesquisas de audiência comprovaram que a preocupação era pertinente, mas ao longo da apuração identificou-se também um desejo da emissora de mexer no seu padrão Globo para vencer o impasse que ressaltou Jaílson de Souza e Santos: “não perder a legitimidade, se aproximar das classes mais populares e, ainda, ressignificar o seu modo de comunicar.”

Além disso, acredito que o aumento da crise da queda de audiência, que atinge a Rede Globo desde o século passado, contribuiu para a criação do quadro Parceiro do RJ. Com o fortalecimento das TVs por assinatura, com programações segmentadas, e o crescimento da internet, que fez com que jovens, principalmente, desaprendessem a assistir TV, a emissora, assim como os demais canais de TV aberta, precisam se reinventar. Uma das saídas é criar “nichos de audiência” como tenta estabelecer com as favelas a partir de quadros como o Parceiro do RJ. Neste caso há oportunidade por parte da emissora.

As entrevistas com os participantes do quadro e os *posts* recolhidos no Facebook permitem, ainda, uma leitura de que o projeto deu visibilidade a pluralidade existente nas comunidades em que atuou. Entretanto, isso não significa que o jornalismo da TV Globo conquistou as favelas e, por esse motivo, a emissora investe em outras estratégias para chegar cada vez mais perto do morador da comunidade. Mais uma vez, a mentalidade-índice-de-audiência de Bourdieu fala mais alto

e faz com que a emissora não pare de produzir novos quadros ou mexer cada vez mais no padrão Globo de jornalismo. Seja exagerando na postura do repórter no *RJ Móvel* ou na inclusão de entrevistas com produtores culturais ou artistas da favela em programas como o *Mais Você*, de Ana Maria Braga, ou o *Encontro*, de Fátima Bernardes.

Não se pode ignorar, entretanto, que os jovens estão convictos de que também precisam da expertise, capital, tecnologia e audiência da TV Globo e dos demais veículos de comunicação que atendem ao grande público da TV aberta. O que vale nesta parceria é que os jovens estão tendo a oportunidade de sinalizar que a favela/comunidade/bairro em que vivem não é mais aquele/aquela que a mídia retratou durante anos para o seu grande público.

A maior violência enfrentada por eles está além daquela que as UPPs se propõem a exterminar; é aquela que, por anos, as autoridades responsáveis ignoraram, como, por exemplo, a falta de saneamento que coloca em risco a vida dos moradores. A favela/comunidade/bairro que vem não se sujeita a ser vista como excluída, mas exige mais atenção, como indica afirmou em um *post* no Facebook, dia 18 de abril de 2014, Aline Marinho, parceira da Rocinha & Vidigal (2013/2014): “às vezes o problema está tão perto da gente que se torna algo comum. Graças ao projeto dos parceiros do RJTV tenho pensado o local onde moro com um olhar mais crítico e abrangente.”

O Projeto Parceiro do RJ ajudou Aline a olhar ao seu redor e questionar, a sair do conformismo, mas também a reivindicar com mais igualdade de exposição com os demais moradores da cidade do Rio de Janeiro. Deu-lhe a chance de fazer um movimento pelo fim do estigma que cerca a favela e seus moradores. Sua maneira de contar os problemas e as alegrias, o que há ruim e o que há de bom na favela onde mora foram exibidos em cadeia regional.

A TV Globo abriu espaço no seu padrão de jornalismo para uma narrativa inclusiva, que dialoga com a técnica mas não perde a essência da realidade onde vivem seus produtores. Conseqüentemente, o jornalismo comunitário experimenta a sensação de uma *esponja*, aquela que tudo absorve, mas também, quando espremida com força e lavada está pronta para receber novos ingredientes. A metáfora da *esponja* parece agressiva, mas pode também ser recebida como saudável e produtiva. Basta ter atenção ao líquido que se põe na *esponja* e, principalmente, o uso que será feito dela.

Se a TV Globo colocou nas mãos de moradores de favelas a chance de escolher com o que molhar sua esponja, que eles saibam

usar sua experiência. Entretanto, para que esta esponja absorva ingredientes que promovam uma única Zona Sul que se insira em uma única cidade, dita maravilhosa, é preciso que seus usuários estejam dispostos a lutar juntos por este objetivo.

Só assim a vida em comum refletirá uma vida em comunidade com acordos desvinculados do poder aquisitivo de seus moradores e todo jornalismo produzido será comunitário. O cidadão, enfim, assistirá a menos pautas factuais que registram tragédias que poderiam ser evitadas se todos os territórios fossem observados com a mesma atenção. Os sujeitos podem ser singulares, já os direitos são e devem ser universais.

NOTAS

- 1 Disponível em <http://www.paraexpressaraliberdade.org.br/uma-nova-lei-para-um-novo-tempo>.
- 2 Entrevista concedida à autora no dia 15 de julho de 2013.
- 3 Entrevista concedida à autora no dia 30 de julho de 2013.
- 4 Idem.
- 5 Entrevista concedida à autora no dia 8 de fevereiro de 2013.
- 6 Entrevista concedida à autora no dia 20 de junho de 2013.
- 7 Idem.
- 8 Ibidem.
- 9 O Fórum foi realizado nos dias 12, 13 e 14 de maio de 2014, no Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- BAUER, Martin W. e Gaskell, George (Editores). **Pesquisa qualitativa com texto: um manual prático**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BECKER, B. Todos juntos e misturados, mas cada um no seu quadrado: um estudo do RJTV 1ª edição e do Parceiro do RJ. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 24, p. 77-88, dez. 2012.

BECKER, B. e SOARES, L. C. Participação da audiência e qualidade do telejornal: um estudo do quadro Parceiros do RJ. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 9º, 2011, Rio de Janeiro, **Anais**. Rio de Janeiro: ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro, novembro de 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FRAZÃO, S. M. **Parceiro do RJ**: a prática do jornalismo participativo no RJTV 1ª edição e as transformações na rotina profissional dos jornalistas, 2013. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

FREITAS, A. P. C. **Cidadania midiática**: tematização e agendamento no Parceiro do RJ, 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2014.

GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

GUIMARÃES, L. L. As novas aproximações entre telejornal e audiência: a participação do público no quadro Parceiro do RJ. In: SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 10º, 2012, **Anais Eletrônicos**, Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2012.
<http://soac.unb.br/index.php/ENPJOR/XENPJOR/paper/viewFile/1961/160>. Acessado em 24 de maio de 2016.

HABERT, Angeluccia. Sobre observadores e participantes. **ALCEU**: Revista de Comunicação, Cultura e Política. V.10, n.19, jul/dez 2009-. Rio de Janeiro: PUC, Depto. de Comunicação Social, p.48 – 60.

MATOS, L. S. **Telejornalismo, Estéticas do Real e Vídeos Amadores**: um estudo de caso do RJTV 1ª Edição. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Departamento de Comunicação Social, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2011.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. 2ª edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

PAIVA, Raquel. As minorias nas narrativas da mídia. In: Congresso Anual em Ciência da Comunicação, XXVI, 2003, **Anais Eletrônicos**, Belo Horizonte, PUC Minas, 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP13_soares.pdf. Acessado em 15 de janeiro 2016.

PAIVA, Raquel. Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático). Revista **FAMECOS**. Porto Alegre. Nº 30, agosto 2006, p. 62 – 70.

PAIVA, Raquel. (Org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social.** Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.

PAIVA, Raquel. **Estratégias de Comunicação e Comunidade Gerativa.** In: PERUZZO, Círcia M Krohling. (Org.). Vozes Cidadãs. 1 ed. São Paulo: Angellara, 2004, v., p. 57-74.

PAIVA, Raquel. Novas formas de comunitarismo no cenário da visibilidade total: a comunidade do afeto. **Matrizes** (USP. Impresso), v. 6, p. 63-75, 2012.

SABACK, Lilian. Telejornalismo local. In: RODRIGUES, Ernesto (org.). **No próximo bloco...: o jornalismo brasileiro na TV e na internet.** Rio de Janeiro: ED. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2005, p. 149-161.

SABACK, Lilian. **A autorrepresentação das favelas do Rio de Janeiro: a criação de mundos possíveis por sujeitos heterotópicos,** 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – PUC-Rio, de Janeiro, 2010.

SILVA, Jailson de Souza, Jorge Luiz Barbosa e Marcus Vinícius Faustini. **O novo Carioca.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2012.

SILVA, Jailson de Souza; ANSEL, Thiago Araujo. **Mídia e favela: comunicação e democracia nas favelas e espaços populares** /- 1.ed. - Rio de Janeiro : Observatório de favelas , 2012, p. 1-52. Disponível em: http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/06/Midia-e-favela_publicacao.pdf. Acessado em 03 de janeiro de 2016.

TIÚLKINE, V.A. **Os princípios leninistas da crítica ao oportunismo e revisionismo como componente da luta dos comunistas contra o imperialismo,** 2013, p. 1-6. Disponível em: <http://www.hist-socialismo.com/docs/Tiulkiueoportunismo-revisionismo.pdf>. Acessado em 10 de março de 2016.

Lilian Saback é professora do Depto de Comunicação Social da PUC-Rio, mestre em Comunicação pela PUC-Rio, doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e integrante do grupo de pesquisa Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais/CNPq. E-mail: liliansaback@puc-rio.br.

RECEBIDO EM: 02/03/2016 | ACEITO EM: 07/06/2016